

## **BRASIL, A ECO-NAÇÃO PARNASIANA**

Camillo Cavalcanti (Pós-Doutorando em Ciência da Literatura/UFRJ)

### **1. Ecologia hoje e Parnasianismo ontem?**

Uma perspectiva tão própria dos nossos dias pode ser procurada em obras dos séculos passados? Essa pergunta instaura a persistente visão historicista evolucionista, que vê no acontecer apenas uma linha temporal progressista.

Ao refutarmos esta cilada positivista e promovermos a re-leitura do Parnasianismo, pelo crivo ecológico, estaremos num pró-jetar *diá-logos* para a fundação do homem, através da leitura, que amplia nosso horizonte.

### **2. E Ecologia? O que é esta dimensão ecológica?**

Ecologia significa eco (do grego *oikos*, casa) e logia (do grego *logos*, pensamento): pensar a casa, isto é, pensar onde moramos. Assim como Economia: nomear, descrever, dizer a casa. O pensamento ecológico une o construir e o habitar. Porque a realidade é uma obra do homem, que deve insinuar o seu pertencimento à natureza que lhe é o originário da vida e da realidade.

O Racionalismo reduz nossa casa a um conjunto de coisas a conhecer, mas conhecer no sentido de subjugar, como objeto. O sujeito racional transforma o tempo em seu império de vassalos. Nossa casa não pode ser uma tirania do sujeito. Necessita-se cambiar a linguagem racionalista que destrói com técnica para uma linguagem diletante que ama com respeito.

A dimensão ecológica é instaurada pela linguagem que se harmoniza com a natureza, ou seja, quando o homem não devasta nem subjuga:

Ecologia [...] è la relazione che si instaura tra l'ambiente e gli organismi viventi, e *a fortiori* tra l'ambiente e l'uomo[...] l'immagine proposta dall'ecologia sia quella dell'essere *nella* natura come condizione primaria dell'essere umano. (IOVINO, 2004: 25).

### 3. Modos do Ser ecológico

Existem basicamente dois níveis de vivência ecológica. A primeira, dita superficial, mantém resquícios do sujeito racionalista/imperialista e ambiciona o bem-estar do indivíduo, por exemplo, controle de gases poluentes e exploração “inteligente” dos recursos. Como se vê, o interesse ainda incide nos desejos e nas causas subjetivas (principalmente de sobrevivência).

A segunda, dita profunda ou *ecosofia*, pretende inserir este indivíduo, não como sujeito imperioso, mas como participante de um organismo maior: a natureza ou ecosfera. Assim, saltamos de uma preservação superficial e tutelar, para uma convivência profunda e redentora.

Uma terceira via é o ecofeminismo, que vê a opressão machista sobre as mulheres como metáfora da exploração do ambiente. Nas palavras de Joe Smith: “some theorists, tagged eco-feminists, have come to relate men’s domination of women to its precursor, namely men’s domination over nature” (2006: 44).

### 4. Ecosofia e Ecocrítica

O filósofo norueguês Arne Naess cunhou o termo Ecosofia (ecologia profunda) como superação do impasse entre teoria e prática, isto é, conciliando os interesses reflexivos e pragmáticos: “nell’ecosofia, a differenza della filosofia accademica, le decisioni e le azioni contano tanto quanto le generalizzazioni astratte” (NAESS, 1994: 47). Àquela filosofia tradicional voltada às questões da natureza, Naess chama de

ecofilosofia, isto é, a parte apenas teórica: “la collocazione dell’umanità all’interno della natura e la ricerca de nuovi metodi per spiegare tale” (p. 41). Então:

Con Naess, il riferimento all’ecologia non vale più solo nel discorso scientifico, ma investe la visione stessa del reale [...] nella *deep ecology* l’aspetto metafisico e quello cognitivo s’incontrano, nella ridefinizione del modo in cui l’individuo *vede* se stesso *con* la natura. (IOVINO, 2004: 95)

O termo Ecocrítica, ou Ecologia Literária, por sua vez, é lançado pelo escritor Joseph Meeker e difundido pelo articulista William Rueckert. Segundo anotação da professora e pesquisadora Serenella Iovino, “l’ecologia letteraria ‘è lo studio dei termini e delle relazioni biologiche che appaiono nelle opere letterarie’.” (IOVINO, 2006: 13). Em outras palavras, a Ecocrítica nos convoca para a interpretação da dimensão ecológica do ser, que salta do texto como imagem literária: “un’interpretazione ‘ecologica’ dei testi letterari ci permette di acquisire e trasmettere una coscienza critica de rapporto tra essere umano e ambiente. L’*ecocriticism* è questa interpretazione” (IOVINO, 2006: 14).

A Ecocrítica aparece, então, como uma solução bifronte entre a necessidade de conscientização filosófica e uma prática ecológica, quando, articulada com a “*social ecology*”, na apreciação literária. Transitando nos diversos textos e texturas, a Ecocrítica solicita a teoria enquanto instrumento para o exercício prático da leitura de mundos, ligada a uma ética, enquanto realização de discursos que ilustram e sustentam uma proposta ecológica para pensar e agir. Por este ângulo de visão, a literatura se imbuí de uma missão de apresentar um caminho, um modo de vida que pela arte se lança do impossível estético para o possível histórico, articulado reflexivamente nos estudos ecofilosóficos.

Se Ecosofia se preocupa com a superação do impasse entre teoria e prática, enquanto Ecocrítica ambiciona tanto o estudo dos termos e relações biológicas quanto transmitir uma consciência ecológica (dimensão ética), qual seria então a diferença entre Ecosofia e Ecocrítica? Segundo já advertiu Joe Smith, as correntes de pensamento ecológico são próximas, cuja divergência não reside nos pontos essenciais como acreditam os militantes.

Deep and social ecologists share a great deal in terms of both the problems that motivate them, and the vision of ecological and socially sustainable societies that they promote. They are also open to the same criticisms. (SMITH, 2006: 43)

Intensificando o reclame ético, ativista e político, muitos ecologistas, como o mesmo Joe Smith, preferiram o resultado concreto, dando atenção principalmente às estratégias políticas, quer dizer, maneiras de atuar buscando a interferência direta no meio ambiente e relegando a segundo plano a reflexão teórica:

mentre “natura” ha, nel lessico filosofico generale, un significato molto più ampio [...], “ambiente” possiede un senso meno metafisico, più concreto e vicino alla sfera dell’esperienza (IOVINO, 2004: 18)

O principal mentor dessa postura é Aldo Leopold, com sua *land ethic*. A ânsia participativa, todavia, é a sustentação da “ecologia superficial”, aquela que cuida do meio ambiente, preocupada com a destruição e a poluição da biosfera, onde o indivíduo permanece tutor. Não surpreende, então, a formulação de uma corrente como o preservacionismo de John Muir, com base no pensamento de Henry David Thoreau.

## **5. Brasil como signo artístico: ecosfera mítico-literária**

A literatura brasileira pode ser dividida em dois grupos: textos que exprimem algum envolvimento com a terra, seja de olhar imperialista, seja ecológico; e textos que

não o exprimem. Esta divisão não é forçosa nem secundária, haja vista a eleição desse critério para dividir, por exemplo, o Romantismo (nacionalismo e mal-do-século).

Desde 1500, iniciou-se uma literatura sobre o Brasil, através de navegantes a serviço da Coroa Portuguesa ou da Igreja que impetraram uma visão carregada de imaginação, entusiasmo e exotismo sobre a nova terra descoberta, incitada pelas elucubrações acerca de um país desconhecido.

A falta de elementos da civilização ocidental, naquela terra longínqua, logo provocou a produção de mitos, principalmente os referentes ao “primitivismo”, em contato com o Desconhecido, traduzido espaço-temporalmente (o lugar-tempo). Essa imagem mítica sobre a terra significava que a América, não só representava, mas era a existência, num tempo remoto, de um “Paraíso Perdido”, “Eldorado”, “Éden terrestre”, como se um portal dimensional pudesse ter sido aberto para a realização forjada de uma fantasia.

Assim, o signo Brasil foi construído sob uma roupagem mítica que o remeteria ao “estado natural”, com aborígenes primitivos que, na ilusão positivista, não obstante de geração em geração, se estagnaram num modo originário de existência, tanto quanto precário e involuído. Surge a idéia do congelamento do tempo.

Essa “terra à vista” é imagem-mito do início dos tempos. O Brasil desponta, nos séculos da expansão marítima exploratória, como um super-signo do passado remoto, cujo habitante é o selvagem, bom ou cruel, amigo ou canibal. Esse lugar mítico ainda sobreviverá em 1705, no poema *Ilha de Maré*, de Botelho de Oliveira, primeiro lírico brasileiro a publicar um livro.

A partir do século XVIII, esse Brasil-mito começa a adquirir novas roupagens. Talvez porque os autores já fossem nascidos no Brasil, a visão sobre a terra muda

radicalmente, principalmente com os árcades. Fora do bucolismo, embora haja traços da “Terra Encantada” quincentista, o exotismo diminui; porque o olhar não é mais estrangeiro. O lugar e seu habitante não restam funcionalizados para “cartões-postais”. Também a subjetividade não *está* “de passagem”, mas *é* fundamentalmente intrínseca, abandonando a dominação de paisagens e miragens, rumo à instalação do homem no Brasil – o brasileiro.

A verdadeira história da dominação portuguesa e do genocídio indígena aparece travestida de arquétipos que simbolizam os principais agentes na cena colonizadora: o índio, o português e o negro. A tragédia indígena é o fundamento para a literariedade de textos como *O Uruguay* (1769), de Basílio da Gama, e *Caramuru* (1781), de Santa Rita Durão.

Já no século XIX, será a superação do tom reclamante a principal marca do Romantismo. A amargura inconformada de Gonçalves de Magalhães, ainda vista na obra de um Gonçalves Dias, acerca do extermínio indígena, chegará ao esgotamento nas obras românticas ulteriores como *O Guarani* (1857), de José de Alencar. Mesmo com a suspensão da queixa, a metáfora indianista reaviva os velhos mitos primitivistas, sustendo a imagem mítica do Brasil como signo da originária pujança natural:

Grazie anche al contributo dei viaggiatori-naturalisti europei, nella prima metà dell'Ottocento comincia, di fatto, a delinearsi l'ipotesi che, accanto alla selva e al selvaggio, il sertão e i suoi abitatori possano essere anch'essi considerati quali istanze proprie ed esclusive da cui far derivare e su cui fondare una ancor confusa idea di Patria. (FINAZZI-AGRÒ, *op. cit.*, p. 14)

Embora desarmando algumas mitificações da terra, o Romantismo fomentou, privilegiadamente, o Indianismo, em detrimento da observação do sertão e dos sertanejos (exceção aos ultra-românticos *a priori* e aos epígonos regionalistas, *de jure*).

A reviravolta desse sistema de representação exotista e exógeno, sobrevivente até *Ubirajara* (1872), do mesmo Alencar, dentro do mesmo Indianismo, caberá, então, aos finesseculares:

a partire dalla fine dell'Ottocento, il *sertão* sia stato finalmente preso e com-preso nella sua verità, nella sua empirica praticabilità all'interno dell'immaginario nazionale" (*op. cit.*, p. 15).

Portanto, a superação das amarras do mito edênico e alóctone é mérito dos realistas, naturalistas e **parnasianos**, uma vez que simbolistas e decadentistas em geral não pensavam a nação, por questões da natureza mesma de sua estética e de seu estilo, voltados ao transcendental, ao abstrato e ao infinito.

Acerca dos parnasianos, é estranho que dois Hinos oficiais não tenham sido suficientes para livrá-los da pecha de "alienados", com inegável intuito de manter paralelismos com o modelo originário francês, do qual, aliás, o estilo brasileiro é completamente dissidente. Em verdade, o Parnasianismo no Brasil nos legou o Hino Nacional, de Osório Duque Estrada, o Hino à Bandeira, de Olavo Bilac, além do Hino à República, do sincrético Medeiros e Albuquerque. Destes exemplos, estudaremos o primeiro.

## **O Hino Nacional, manuscrito de Osório Duque Estrada**

### II

Deitado eternamente em berço esplendido,  
Entre as ondas do mar e o céu profundo,  
Fulguras, ó Brasil, **jóia** da America  
Iluminada ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida,  
Teus risonhos, lindos campos tem mais flores,  
"Nossos bosques têm mais vida,"  
"Nossa vida," no teu seio, "mais amores!"

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve, salve!

Brasil! Seja de amor eterno símbolo  
O **pavilhão** que ostentas estrelado,  
E diga o verde-louro dessa flamula:  
- Paz no futuro e glória no passado.

Mas da Justiça erguendo a clava forte,  
Verás que um filho teu não foge à luta  
Nem teme, quem te adora, a própria morte,  
Terra adorada  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!

Dos filhos de teu flanco és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!  
(WIKIPEDIA, 2009)

A escolha pelo manuscrito de Osório Duque Estrada é para demonstrar que o incremento de erudição, ausente no texto original, foi acrescido alhures. Por isso, reconhecamos a simplicidade vocabular da expressão poética desse parnasiano, e de tantos outros, como Olavo Bilac e Vicente de Carvalho. Por exemplo, “jóia da América”, bem afeito ao popular, se transformou num estranho “florão da América”, lido pelo povo em geral como uma flor grande; o “pavilhão”, palavra com certa entrada no coloquial, passou a ser “lábaro”, que o povo nem sabe pronunciar.

Muito interessa a segunda parte, por isso transcrita, porque possui a ênfase na exaltação ***da terra*** que rareia na primeira. Entendendo a necessidade de dialogar com o passado, para afirmar uma identidade nacional que do presente se lance ao futuro em ***diá-logos*** unidimensionais, o poema parnasiano de Duque Estrada reacende a idéia do sertão, a terra virgem, a natureza como imagem da nação. Essa autoconsciência é explícita na citação dos versos de Gonçalves Dias, que aparecem entre aspas.



O Ufanismo do Hino é extremado, mas livre do índio arquetípico do brasileiro. A nação permanece ligada à idéia da terra brasileira como terra natural, originária, mas enfim deslocada do tempo primitivo. As qualidades do Brasil, nesse sentido, são sempre referentes à natureza: céu, terra, mar e até o fogo mimetizado no sentimento patriótico em meio à beleza estuante da natureza.

Entre um lugar-natureza e um brasileiro civilizado, a idéia de Brasil permanece em tensão, inclusive atualmente. Essa ambiguidade é vista nos termos “terra adorada” e “pátria amada”, isto é, uma nação cuja terra-natureza abriga uma pátria-civilização com uma história ocidental de Independência, e mais: Liberdade: “ouviram do Ipiranga as margens plácidas / de um povo o heróico brado retumbante”, que no manuscrito de Duque Estrada comparecia com mais clareza: “Da Independência o brado retumbante”. Numa “terra adorada”, tesouro de maravilhas naturais, o homem instala sua casa civilizada e urbana, “pátria amada”: “deitado eternamente em berço esplêndido [i.e., terra adorada], / [...] fulguras, ó Brasil, jóia da América [i.e, pátria amada]”, com o desafio de transpor as barreiras entre tecnologia e preservação e convocar para uma missão ecológica que se expressa no verso “iluminada ao sol do Novo Mundo”, se interpretarmos esse Novo Mundo num sentido poético.

Essa missão, inclusive, é pormenorizada na estrofe “Brasil! Seja de amor eterno símbolo / o pavilhão que ostentas estrelado”, de forma que o Brasil, como Nação, se lança ao destino que se traduz na vivência presente entre “paz no futuro e glória no passado”, ou seja, uma contemporaneidade voltada a rememorar orgulhosamente seu passado e a buscar os caminhos da paz, a partir de uma consciência integradora dos tempos.

## BIBLIOGRAFIA:

- FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Lugar sertão se divulga: l'identità brasiliana tra apertura e mancanza. in: ARSILO, Vincenzo; FIORANI, Flavio. *Sertão – Pampa: topografie dell'imaginario sudamericano*. Venezia: Editrice Cafoscarina, 2007.
- IOVINO, Serenella. *Filosofia dell'ambiente*. Roma: Carocci, 2004. (reimpressão 2008)
- . *Ecologia letteraria: uma estratégia di sopravvivenza*. Milão: Ambiente, 2006. (saggistica e manuali, 44)
- NAESS, Arne. *Ecosofia* (trad. Elena Recchia). Como: RED, 1994.
- SMITH, Joe. *What do greens believe?*. Londres: Granta, 2006.
- SOARES, Angélica. Nas águas do Erótico/Ecológico. In: ECOLOGIA E LITERATURA. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- HINO NACIONAL original do Brasil. Wikipedia. Disponível em: [pt.wikipedia.org/Hino\\_Nacional\\_original\\_do\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/Hino_Nacional_original_do_Brasil). (20/03/2009)